

Subculturas, re(a)apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da *fanpage* “Gótica Desanimada” no Facebook¹

Adriana AMARAL²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Camila Cornutti BARBOSA³

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Beatriz POLIVANOV⁴

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Resumo

O artigo debate a re(a)apresentação de uma subcultura, a partir da noção de autoironia, em sites de rede social. Abordamos como os góticos têm sido pautados pela *fanpage* “Gótica Desanimada” no Facebook para refletimos sobre a força do humor em associação com a abordagem de uma subcultura no contexto digital. Tal discussão se ancora em quatro vetores principais a partir da análise das postagens, com especial atenção às imagens da referida *fanpage*. Tais vetores dizem respeito: a) ao comportamento e aos modos de expressão, b) às roupas e ao vestuário, c) às bandas/grupos e personagens da cena e d) aos filmes/TV relacionados ao Gótico. A partir da análise exploratória, percebemos que a autoironia tanto reforça estereótipos desta subcultura como auxilia a desconstruí-los – quando mostra atravessamentos com outras culturas e produtos midiáticos, por exemplo.

Palavras-chave: Subculturas; representação; autoironia; *fanpage*; “Gótica Desanimada”.

Introdução

Os sites de rede social têm potencializado não só as possibilidades de interações cotidianas, manutenções de laços e compartilhamento de informações como também podemos neles perceber formas de expressão em relação a determinadas cenas e subculturas. De outra parte, constatamos que um dos tipos de conteúdo que ganha cada vez mais força na Internet e, em especial, nestes ambientes, é aquele nortado pelo humor e

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Doutora em Comunicação Social pela PUCRS com Estágio de Doutorado pelo Boston College (EUA). Pesquisadora do CNPq. Coordenadora do GP Cibercultura da Intercom e Líder do Grupo de Pesquisa CULTPOP – Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias. E-mail: adriana.amaral08@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com estágio de doutorado sanduíche na Universidade Nova de Lisboa. Bolsista CAPES na modalidade Pós-doutorado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), integrante do projeto POA Music Scenes e do grupo de pesquisa PopCult. E-mail: camilacor@gmail.com.

⁴ Professora do Departamento de Estudos Culturais e Mídia, bem como do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, pelo qual se titulou doutora e realizou pesquisa de pós-doutorado com bolsa CAPES. Pesquisadora do LabCult/UFF. E-mail: beatriz.polivanov@gmail.com.

pelo entretenimento – o que nos leva a pensar na associação entre as re(a)apresentações de uma subcultura e a questão do humor na web.

“Gótica Desanimada” é uma *fanpage* de entretenimento do Facebook, que tem o propósito de abordar aspectos relacionados à cultura gótica. O foco das publicações se dá pela postagem de imagens que traduzem autoironia sobre como o grande público supostamente enxerga e assimila os góticos, sobretudo por parâmetros estéticos e comportamentais do senso comum, com a criação de montagens que geram tanto a crítica como levam ao riso, fomentando, assim, a vontade de compartilhamento dentre os seguidores da página.

Assim, este artigo busca compreender como uma subcultura é re(a)apresentada em um site de rede social com base em postagens humorísticas, a partir da autoironia. Para tanto, em um primeiro momento, problematizamos o conceito de subcultura relacionando-a a aspectos da subcultura gótica seguido de considerações sobre a re(a)apresentação. Na sequência, discutimos brevemente sobre as aproximações entre os sites de rede social e o humor. Por fim, passamos à apresentação da *fanpage* “Gótica Desanimada”, relacionando-a à subcultura gótica, com a realização de uma análise qualitativa das postagens apontando para a percepção de quatro vetores-chave de exploração desta subcultura na *fanpage* em questão. Tais vetores estão encorados na seguinte divisão: a) comportamento e modos de expressão, b) roupas e vestuário, c) bandas/grupos e personagens da cena, d) filmes/TV relacionados ao Gótico.

Subcultura gótica e re(a)apresentação

O conceito de subcultura deve ser entendido aqui enquanto uma construção discursiva polissêmica e cujos sentidos estão em permanente disputa. Tendo-se em vista o limite de extensão deste trabalho, gostaríamos de ressaltar que não iremos problematizá-lo com a devida profundidade, mas ao menos destacar alguns aspectos relevantes no que tange à re(a)apresentação, em ambientes *online*, da subcultura gótica, tendo em vista nosso objetivo de discutir tal dinâmica a partir da *fanpage* “Gótica Desanimada”.

Antes de discutirmos o conceito de subcultura em si, cabe uma breve explicação da nossa defesa do termo re(a)apresentação, denotando um imbricamento entre os termos “representação” e “apresentação”. Conforme argumenta Polivanov, o termo “apresentação” seria mais adequado para se pensar as construções de identidade dos atores sociais no ciberespaço do que “representação”, entendendo que o último “diz respeito

etimologicamente à designação ou delegação que se dá a algo ou alguém para fazer às vezes de um objeto/sujeito em seu lugar, reproduzindo-o” (2014, p. 83), enquanto o primeiro estaria mais diretamente relacionado a uma ideia de auto-definição. No nosso caso, a ideia de re(a)apresentação indica que mais do que propriamente representada, a subcultura gótica seria de fato *re-apresentada* através da página, isto é, apresentada e presentificada sob um novo olhar, redefinida, conforme veremos na seção de análise do objeto. Cabe-nos, agora, portanto, retornar ao debate sobre subcultura.

Se sua noção esteve atrelada, em um momento inicial, pós Segunda Guerra ligado à Escola de Birmingham e aos Estudos Culturais, à ideia de *resistência* a uma cultura dominante (FREIRE FILHO, 2007), tendo como foco estudos de agrupamentos sociais de *juvens*⁵ de classes trabalhadoras, em uma etapa posterior passa a ser repensada, diminuindo-se a ênfase na *classe social* enquanto categoria-base. Isso se deu tendo em vista a fragmentação e, de certo modo, complexificação das culturas juvenis na alta modernidade, marcadas para muitos por maior fluidez, efemeridade e suposto poder de escolha⁶, nas quais a dimensão do *gosto* (relacionada à estética) ganha relevo.

Sarah Thornton (1996), por exemplo, propõe o conceito de capital subcultural ao investigar as “*club cultures*”, culturas vinculadas a festas de música eletrônica, na Inglaterra, argumentando que o conceito de subcultura deveria ser entendido não necessariamente pelo viés da resistência e dos conflitos entre classes dominantes e dominadas, mas principalmente pelas disputas de gosto e distinção, calcadas e expressas através da esfera do consumo midiático, atentando ainda para construções de hierarquias e lugares de fala de autoridade dentro de tais subculturas (algo que seria pouco estudado no âmbito das culturas populares segundo a autora)⁷. Conforme afirma Simon Frith: “se é através do consumo que a cultura contemporânea é vivida, então é no processo de consumo que o valor cultural contemporâneo deve ser localizado” (FRITH, 1996, p. 13).

Voltando-se mais especificamente para uma discussão entre subculturas e música e indo além dos debates sobre variáveis de classe, gênero e etnicidade relacionadas a tais estudos, David Hesmondhalgh (2005) irá propor que: 1) o próprio imbricamento entre

⁵ Ainda que majoritariamente de sexo masculino.

⁶ Maffesoli (2002) irá propor o conceito de neo-tribos buscando justamente dar conta da suposta efemeridade, fluidez e voluntariedade que marcariam os agrupamentos sociais contemporâneos.

⁷ Não obstante, por deixar de lado a ênfase na classe social como categoria-base, alguns autores como Jensen (2014) irão criticar Thornton, argumentando que, uma vez que ela toma o pensamento de Bourdieu como central para pensar distinção, não poderia desconsiderar justamente tal categoria, cara ao autor.

subculturas e juventude deve ser problematizado⁸ e 2) nem o termo “subcultura”, nem “tribo” e nem mesmo “cena” dariam conta de fato dos agrupamentos sociais articulados coletivamente em torno da música, que ele vai chamar de “coletividades musicais” ou “identidades musicais coletivas” (2005, p. 22), como é o caso do gótico que analisamos aqui.

De modo sucinto, o autor considera, por um lado, limitante que as “subculturas” sejam sempre atreladas a culturas necessariamente juvenis e, por outro, refuta os termos mencionados – e, principalmente, o de subcultura em si – como soluções para pensar tais identidades musicais coletivas propondo que o conceito de “gênero” (*genre*) seja mais adequado para tal. Hesmondhalgh afirma claramente que não se trata de utilizá-lo como um “conceito-mestre alternativo”, substituindo os demais, mas sim de pensar sua potencialidade para investigar formas de afiliação especialmente musicais (2005, p. 32).

Tal debate não se encerra, claro, aqui, mas gostaríamos de apontar que no caso do gótico parece fazer sentido ainda o uso do termo “subcultura” – e outras variações contemporâneas, como cybersubcultura (AMARAL, 2007) –, tendo em vista que, conforme defende Hodkinson (2002), o gótico estaria relacionado a agrupamentos sociais que, ao contrário de outros, não seriam marcados pela efemeridade, mas sim pela ideia de continuidade, comprometimento e pertencimento a longo prazo, vinculados ao compartilhamento de certos gostos musicais, literários, estéticos etc. e ao que poderíamos chamar de um “capital subcultural gótico”.

Conforme indicado por uma série de autores como Hodkinson (2002), Baddeley (2005), Brill (2008), Steele e Park (2008), entre outros, a subcultura gótica não está relacionada apenas a aspectos musicais, mas com um estilo de vida centrado em valores estéticos ancorados na literatura, cinema, moda, artes visuais, sexualidades, entre outros vetores que constituem o que Hodkinson chama de coletividades fluidas. Assim, a permanência do gótico na cultura contemporânea e a própria aquisição do capital subcultural se dá por meio do domínio dessa gramática subcultural que sofre transformações e desdobramentos desde o final dos anos 70 – quando surgiu na Inglaterra a partir do movimento pós-punk - até a atualidade. Subgêneros como *cyber*, *gothic lolitas*

⁸ Hodkinson (2011) fez uma extensa pesquisa com góticos e punks ingleses na faixa dos 40 anos demonstrando questões de pertencimento e vinculação à subcultura mesmo que de formas distintas em termos de consumo e participação justamente criticando a ideia de juventude e debatendo a noção de formação de famílias no âmbito subcultural.

japonesas ou *perky goths*⁹ apresentam rupturas e continuidades que demonstram a pervasividade dessa subcultura no imaginário coletivo que de tempos em tempos ganham espaço na mídia com debates sobre “revival”.

Por outro lado, conforme apontam Steele e Park (2008, p.46-47), apesar de já haver uma tradição em estudos acadêmicos sobre o gótico, a subcultura em si parece nunca ter conseguido atingir o tipo de respeito que a cultura punk ou a cultura *rave* obteve, muito em função da ideia de pânico moral¹⁰ e vinculação a crimes e violência na mídia – como no famoso caso do tiroteio da Escola Columbine nos Estados Unidos, por exemplo. Outro ponto levantado pelas autoras é a ideia de que, ao contrário do punk, a subcultura gótica era vista como classe-média, menos “autêntica” e por demais focada em questões subjetivas e estéticas. Entendemos que essa “narrativa” do punk como a subcultura autêntica e da classe trabalhadora é também uma construção mitológica com vistas à legitimação - e que parece, por vezes, querer “limpar” as associações com a moda da designer Vivienne Westwood e com o marketing de Malcom McLaren, responsáveis pelo lançamento dos Sex Pistols, para ficar apenas em um exemplo e para tornar o punk um movimento com uma imagem mais politizada no sentido do senso comum. Obviamente que todas as subculturas, cenas, etc. possuem aspectos políticos e de resistência em seus vários níveis¹¹ e negá-los é não compreender a própria forma e constituição das mesmas. Assim, entendemos que essas disputas e contradições fazem parte das narrativas e da própria forma como a mídia representa os participantes das subculturas.

Além disso, autores como Hodkinson (2002), Brill (2008) e Amaral (2007b) apontam as relações de apropriação das tecnologias – seja na sonoridade e nas temáticas musicais – ou na própria transição dos espaços geográficos da subcultura gótica para os ambientes da comunicação digital. Nesse sentido, o efeito humorístico causado pela página “Gótica Desanimada” provém justamente de saber “jogar” com tais valores e capital

⁹ Cybergoths: Hodkinson (2002, p. 68) os define como cruzamento entre os *clubbers* e os góticos cujo visual é caracterizado por acessórios coloridos; Gothic Lolitas: Segundo Amaral (2006, p. 222), o estilo data dos anos 90 e é constituído por meninas japonesas (ou meninos) que se vestem como “garotinhas”; Perky Goths: Em geral é um tipo de gótico que “não se leva a sério ou mais animado” ou que não quer estar tão atrelado ao lado restritivo dos códigos do underground conforme o Manifesto Perky Goth - <http://www.odk.com/wilson/goth/manifesto.html>. Acesso em: 11 jul. 2015.

¹⁰ Além da questão do pânico moral, amplamente debatida por vários teóricos das subculturas, recentemente Garland e Hodkinson (2014) através de uma pesquisa empírica qualitativa com 21 informantes da subcultura gótica, discutiram a ideia de crimes de ódio e suas representações na mídia contra as subculturas.

¹¹ A discussão sobre resistência é pertinente em várias culturas e a noção de “ativismo de fãs” debatida por Amaral, Souza e Monteiro (2015) levanta algumas questões em relação a esses níveis.

subcultural gótico, contrapondo-os ou aproximando-os do que seria um imaginário do senso comum sobre tal subcultura.

Humor e sites de rede social

O humor, como tema contemporâneo, parece ter se tornado cada vez mais necessário para se compreender as manifestações individuais ou coletivas nos sites de rede social. Há uma miríade de imagens que se associam a expressões humorísticas e este escopo pode entregar pistas de entendimento sobre como não só os sujeitos têm interagido nestes ambientes, mas também como subculturas podem ser representadas por este viés. A partir de Barbosa (2015, p. XX) reforça-se que

na web é cada vez mais possível observar interações, narrativas ou ações que, por meio do humor e do riso, atuam tanto no sentido de entretenimento (da piada, de sedução frente a outros atores de nossa rede), tanto no viés de crítica ou contestação. Com isso, percebe-se que se ri a partir de abordagens muito distintas e com intenções diferentes. (BARBOSA, 2015, p. 100)

Nesta relação entre humor e sites de rede social, um aspecto fundamental a se dar relevo é o de que a rapidez oportunizada nas publicações das postagens, em associação com as características basilares de fluidez e instantaneidade da web, “tornam este ambiente muito propício para que ali o humor ocorra de forma veloz, com agilidade na possibilidade de propagação da informação” (BARBOSA, 2015, p. 100). Ou seja, a isto se cola uma característica essencial do que é próprio para o se fazer rir – a questão do *timing*, da velocidade da piada. De forma rápida é possível que os sujeitos se apropriem de uma imagem ou tema e possam colocá-los em circulação na web a partir da noção do humor. Este tipo de apropriação se torna bastante evidente nos sites de rede social hoje, assim como no caso para o qual este artigo lança olhares – a *fanpage* “Gótica Desanimada”.

Contextualmente é importante destacar que no último ano tem havido novamente uma discussão sobre características do gótico presentes em tendências culturais tais como: maquiagens (com ênfase nas coleções de batons de marcas famosas), roupas¹², além de elementos cênicos e estéticos de cantoras pop como Lorde e Lana del Rey. Ou seja, se esta subcultura volta a receber destaque midiaticamente, as apropriações humorísticas e

¹² O termo gótica suave tem ganho notoriedade como uma gíria de internet, após ter sido disseminado por algumas blogueiras de moda.

autoirônicas também encontram espaço para serem feitas - indo ao encontro de todo este movimento em torno do tema.

Neste caminho, destacamos que essas manifestações de humor e memes em relação à subcultura gótica, tida pelo senso comum como sisuda, triste e depressiva, é um fenômeno transnacional. Um exemplo disso se relaciona à *videologger* e *drag queen* gótica mexicana Verônica Rodriguez de La Luz del Topo (La Elvira)¹³ – que ficou conhecida por seus vídeos com os bordões “Soy darks”, “Tu no eres darks”, entre outros, em que brincava justamente com esses valores. Outro caso interessante vem do perfil oficial do próprio festival *Whitby Gothic Weekend*, um dos mais antigos e tradicionais festivais de música gótica da Inglaterra que publicou recentemente um vídeo em que organizadores e participantes da cena fazem uma paródia da música K-POP “Gangnam Style”, do cantor PSY, apresentando e ironizando os próprios estilos e jargões da subcultura¹⁴.

Dessa forma, através da internet e dos sites de redes sociais, re(a)apresentações de uma certa identidade gótica¹⁵ vão sendo reapropriadas e atualizadas através do humor para novas gerações, atingindo tanto participantes da subcultura quanto uma audiência mais geral. Escolhemos analisar a fanpage Gótica Desanimada por ser um caso brasileiro¹⁶, o que ainda nos traz aspectos culturais pertinentes.

A autoironia na fanpage “Gótica Desanimada”

A fanpage “Gótica Desanimada” foi criada no ano de 2013, com a primeira postagem em 10 de julho deste mesmo ano. Atualmente ela possui o número de 174 mil curtidas/seguidores¹⁷. Na página a referência de autoria consta apenas como “Nancy4”, embora em pesquisa na Internet se encontre o nome de Marina Freitas¹⁸ como sendo a administradora responsável pela manutenção das postagens. Na descrição da fanpage

¹³ O canal de La Elvira pode ser visitado em www.youtube.com/user/deantcfuf.

¹⁴ Vídeo disponível em: https://youtu.be/S_NqVd5Wqv0. Acesso em: 5 jul. 2015.

¹⁵ “As a genre, the gothic is characterized by the themes of death, destruction and decay, haunting and imprisonment, the powers of horror, and the erotic macabre” (STEELE, 2009) De acordo com Hodkinson (2002), a ideia de uma identidade gótica está profundamente vinculada a um estilo de vida pautado pelo gosto em relação ao sombrio, à morte e ao macabro em termos estéticos.

¹⁶ A blogueira Dani Corpse, do blog *Beauty and Brains*, também é um exemplo interessante dessa tendência. Informações: <http://www.buzzfeed.com/julianakataoka/conheca-a-blogueira-de-beleza-mais-gotica-do-brasil#.yn0DKy76Ov>. Acesso em: 13 jul. 2015.

¹⁷ Dado atualizado em 11 de jul. 2015. Link para a fanpage: <https://www.facebook.com/pages/G%C3%B3tica-Desanimada/220622678086435>.

¹⁸ Disponível em: https://twitter.com/marina_freitas. Acesso em: 5 jul. 2015.

(marcada como sendo de entretenimento) há a presença de uma frase: “Não é só porque sorrio, quer dizer que sou feliz”.

A foto de perfil desta página é uma moça jovem, com maquiagem mais pesada nas sobrancelhas, olhos e boca, vestindo uma blusa preta, com um crucifixo no pescoço e os cabelos aparentemente tingidos também de preto e com um penteado mais desganhado – lembrando referências visuais associadas aos anos 80. Seu semblante esboça um leve sorriso. Buscando-se mais informações sobre quem seria tal personagem, encontramos duas possibilidades: a primeira de que se trataria de uma fotografia de um “*yearbook*” norte-americano (um álbum com fotografias de formatura do equivalente ensino médio), a segunda é de que é a imagem manipulada de uma blogueira brasileira chamada Jéssica Facchim¹⁹.

No princípio da *fanpage* as montagens eram mais simples, em relação, por exemplo, à utilização de fonte, recortes e associação com mais imagens para além daquela utilizada no perfil da página. Com o passar do tempo, parece ter havido uma certa profissionalização da página no que diz respeito às postagens compartilhadas, com um apuramento técnico visível na escolha de fotografias de melhor resolução e criação a partir de imagens distintas. Assim, a partir do segundo ano a página passou a ser atualizada com frequência, criando uma periodicidade de publicações constantes (atualmente mantém-se uma média de mais de uma postagem por dia).

Pode-se compreender que o foco das postagens recai sobre duas vias: a primeira delas está ligada à noção de uma ironia frente ao senso comum, de como um público mais geral ou distante da realidade da subcultura gótica os enxerga/percebe; de outra parte há uma autoironia no modo como os próprios sujeitos da subcultura gótica zombam de si mesmos. Neste sentido, a autoironia flerta com imagens que tanto são críticas como propiciam a graça, o riso – sobretudo pelas ideias de contrariedade neste jogo de expectativas entre o que genericamente as pessoas apreendem como sendo parte do Gótico. Segundo Propp (1992, p. 125), “na ironia expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário”. Neste caminho, a autoironia seria uma espécie de “tiração de sarro” sobre si mesmo ou, no caso, sobre diversos aspectos que envolvem e permeiam uma subcultura com a qual a personagem em questão estaria identificada. Reforça-se tal pensamento quando temos o norte de que a

¹⁹ O blog de Jéssica Cisneiro Facchim chama-se Reflexo de Ideias (<http://reflexodeideias.blogspot.com.br/>). A blogueira diz que a imagem é uma foto de seu rosto manipulado em uma postagem sobre o mistério de quem seria a personagem no blog Gótica Desanimada (<http://goticadesanimada.blogspot.com.br/2015/02/o-misterio-sobre-gotica-desanimada.html>).

ironia “revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade” (PROPP, 1992, p. 125).

De maneira a enfatizar como o conceito de autoironia fica expresso nas circunstâncias da *fanpage* “Gótica Desanimada”, ao realizarmos uma análise qualitativa a partir das postagens da página, desde a sua criação, foi possível destacarmos quatro eixos possíveis em que se evidencia o humor por esta via: a) o comportamento e os modos de expressão, b) as roupas e o vestuário, c) as bandas/grupos e personagens da cena d) os filmes/TV. Neste rumo, selecionamos duas postagens referentes a cada um destes recortes – de maneira a evidenciar como a autoironia é percebida e utilizada. Tais postagens são elencadas e analisadas a seguir:

a) Comportamento e Modos de expressão

No que se refere ao comportamento e modos de expressão, pode-se dizer que há diversas postagens que trazem estas duas relações tensionadas – sobretudo através das montagens que abordam, pela tônica do humor e da autoironia, maneiras de conceber o mundo, além de atitudes individuais da personagem em questão. Estes comportamentos e modos de expressão se ligam, portanto, a uma ideia de traduzir uma “identidade gótica”. Esta identidade tanto é conformada pela suposta fala ou pensamento da personagem, quanto exteriorizada por outros sujeitos que são colocados em uma suposta interlocução e/ou contato com a mesma (normalmente, sendo demarcados por noções do senso comum em relação a esta subcultura). Nas Figuras 1 e 2, a seguir, é possível observar tais parâmetros:



Figuras 1 e 2. Postagens da *fanpage* Gótica Desanimada relacionadas a comportamento e modos de expressão (Postagens de 6 jun. 2015 e 28 de jun. 2015)

Na Figura 1, vê-se a “foto avatar” da Gótica Desanimada e, sobre ela, a seguinte frase: “Se não gostei não sou obrigada a disfarçar”. Assim, tem-se uma expressão individual diretamente ligada a um comportamento de não fingir diante daquilo que não lhe agrada. A recusa em relação às expectativas da sociedade são sempre um ponto relacionado à subjetividade da identidade gótica. Já na Figura 2, pelo suposto comportamento e identidade da personagem, tem-se outro sujeito interrogando-a sobre sua área de atuação profissional – com a pronta resposta utilizando o termo “trevas”, ironizando não só as polaridades claras da pergunta, como também se colocando em posição de assumir uma postura de escolha e caminho individuais. Frisamos que a ideia de “insider” e “outsider”, que resultaria em processos de aquisição de capital subcultural gótico, conforme discutido na seção sobre subculturas e representação, é muito importante para a construção da identidade gótica. Neste caso, o “insider” se associa ao Gótico na relação com o oculto, com o sombrio (expressos pela fala “sou das trevas”) – parâmetros comumente compreendidos pelo senso comum como atrelados a esta subcultura (e que são atravessados pelas noções de pânico moral e postura antissocial, como já apontamos anteriormente).

b) Roupas/Vestuário

No quesito que diz respeito a roupas/vestuário, há uma variedade de posts que fazem graça com a indumentária, acessórios e objetos, que são identificados, de um modo generalista, com a compreensão de visual que se tem desta subcultura. Tais postagens tanto podem ser mais permeadas pelo humor quanto pela exploração de aspectos que denotam as escolhas estéticas da personagem e, em decorrência, de sujeitos que se inserem e vivenciam a cena Gótica. Nas Figuras 3 e 4 temos exemplos que ilustram tais posturas, conforme segue:



Figuras 3 e 4. Postagens da *fanpage* Gótica Desanimada relacionadas a roupas/vestuário (Postagens de 26 dez. 2013 e 12 de jan. 2015)

A Figura 3 traz uma moça sentada no chão, com cabelos descoloridos, vestida com calça e camisa pretas, sem sapatos, e com feição pensativa ou mesmo de descontentamento. A frase que a acompanha diz: “Fui comprar um coturno / Não tinha o meu tamanho”. Ou seja, ironiza-se, pela postura da mulher em questão (e pelo fato de estar descalça), que ela estaria chateada por não ter encontrado um coturno – um tipo de sapato/bota comumente associado à estética dos góticos. Já a Figura 4 apresenta a “Gótica Desanimada” apontando que só para de usar roupa preta “quando inventarem uma cor mais escura” – outra expressão de comportamento, mas desta vez dialogando diretamente com aquilo que lhe auxilia a construir esta identidade no que concerne ao estilo e vestuário. Em ambos os casos o efeito cômico (e autoirônico) se dá pela exploração da ideia de que sujeitos pertencentes à subcultura gótica seriam muito restritos quanto à estética que visam compor através de suas vestimentas e calçados, primando sempre por itens “pesados” e escuros, ainda que em situações nas quais tais elementos possam ser considerados inapropriados, como em ambientes de sol e calor. A Figura 5, abaixo, corrobora este exemplo:



Figura 5. Postagem da *fanpage* Gótica Desanimada relacionada a roupas/vestuário (Postagem de 16 jun. 2015)

Por fim, no contexto deste recorte, cabe ressaltar que Park e Steele (2008, p. 65) reforçam o papel da moda e do vestuário na composição da identidade gótica como sendo indissociáveis como alegorias da própria morte, devido a efemeridade de ambas.

c) Bandas/Grupos e Personagens da Cena

Possivelmente um dos vetores mais expressivos desta divisão proposta para análise da *fanpage*, as postagens que tratam sobre bandas/grupos e personagens da cena demonstram que quem mantém esta página no Facebook possui conhecimento da subcultura ou mesmo a experiência cotidiana de fazer parte dela. As Figuras 6 e 7 exemplificam esta compreensão:



Figuras 6 e 7. Postagens da *fanpage* Gótica Desanimada relacionadas a bandas/grupos e personagens da cena (Postagens de 31 jan. 2015 e 21 de dez. 2013)

Quanto à Figura 6, a partir de uma montagem, cria-se um diálogo da “Gótica Desanimada” com outra moça. Esta moça questiona a “Gótica” se ela já ouviu músicas enquadradas no subgênero intitulado Gothic Metal – recebendo como resposta que música gótica seriam subgêneros outros como Darkwave e Post Punk. A “miga” da personagem replica que leu num blog – o que já demonstra não pertencimento à subcultura gótica – que bandas góticas atuais seriam Tristana, Nightwish e Evanescence. Diante da certeza da amiga (que se refere a bandas de rock e metal), a “Gótica” não aparece falando mais nada, mas sim com uma corda no pescoço, sugerindo a possibilidade de suicídio diante do desconhecimento das bandas e grupos que, para ela, realmente fariam parte da cena.

Já a Figura 7 é conformada pela imagem de Robert Smith, vocalista, guitarrista e compositor da banda inglesa “The Cure”. Esta imagem está junto da frase: “Não cara / Não sou Edward Mãos de Tesoura”. A ironia aqui se dá pelo fato de Smith adotar um visual que prima pelas roupas escuras, cabelos arrepiados, maquiagem, etc., que se associa a várias escolhas estéticas que se inserem ou são identificadas ao Gótico - o que faz lembrar, de modo caricato e irônico, o personagem “Edward Mãos de Tesoura” (do filme homônimo dirigido por Tim Burton). Isto é, aqueles que confundiriam o cantor com o personagem do filme demonstrariam não conhecer certas personas que dialogam com a subcultura gótica.

Neste contexto, apontamos que a questão dos gêneros musicais é uma das disputas simbólicas mais importantes dentro da subcultura gótica - tanto pelos entrecruzamentos, como industrial (apropriadas pela cena) como por uma certa negação (“metal não é gótico”). Assim, há também os tradicionalistas que entendem música gótica como somente aquela produzida no período pós-punk, bem como existem aqueles que defendem a atualização com a mescla de estilos mais eletrônicos por exemplo. Tais disputas são, por vezes, geracionais, conforme indicadas por Zuin (2011).

d) Filmes/TV

No contexto de Filmes e TV, as postagens ironizam, sobretudo, as produções audiovisuais que não estariam relacionadas com temáticas que tangenciam a subcultura gótica, ou que pertenceriam a um universo *mainstream* ou demasiado popular. Assim, a personagem se apresenta “tirando sarro”, criando a possibilidade de piada ou graça também por esta via. Isto pode ser exemplificado a partir das Figuras 8 e 9:



Figuras 8 e 9. Postagens da *fanpage* Gótica Desanimada relacionadas a filmes e TV (Postagens de 19 fev. 2015 e 27 de dez. 2013)

Na Figura 8 há uma reincidência da imagem da amiga da “Gótica”, desta vez tentando convencê-la a assistir ao filme “50 Tons de Cinza”, baseado em *best-seller* mundial homônimo. A “Gótica” responde firmemente que “não assistiria nem se fosse de graça”. Tal resposta também demarca os produtos abarcados pela subcultura ou não. Isto é, aqueles que são considerados *mainstream*, voltados para um vasto público e que de fato são consumidos em larga escala, não pertenceriam ao “universo” gótico. Por outro lado, ironiza-se que poderiam ser abertas exceções e consumidos produtos considerados *mainstream* caso estejam relacionados a temáticas, estéticas ou personagens considerados góticos, conforme ilustra a Figura 9. Nesta há uma referência ao personagem de Eri Johnson, Reginaldo, na novela “De Corpo e Alma”, dos anos 90, considerado o primeiro gótico retratado em telenovelas. Junto dela está escrito: “Só assisto a Globo se passar a novela de Corpo e Alma”. Ou seja, a personagem indica que só veria tal canal de televisão caso estivesse passando um programa que trouxesse à tona a subcultura com a qual se identifica.

Considerando a pontualidade deste estudo exploratório, apontamos que a partir da análise foi possível relacionarmos a subcultura compreendida como uma construção discursiva polissêmica, bem como apontarmos para o conceito de re(a)presentação – na medida em que a subcultura gótica, por meio da *fanpage* “Gótica Desanimada”, estaria sendo apresentada sob um olhar novo, como é o caso das apropriações humorísticas e de

autoironia percebidas nas postagens. Neste contexto, constatamos, que a subcultura gótica não se restringe a aspectos musicais, mas se liga a um estilo de vida e modos de expressão que se amparam em diversas áreas (comportamento, vestuário, música, cinema, televisão etc.), como vimos nos recortes propostos para análise, corroborando a noção de coletividades fluidas proposta por Hodkinson (2002). Além disso, frisamos que a subcultura gótica tem recebido destaques midiáticos nos últimos tempos – o que faz com que o humor também seja um aspecto de atravessamento do tema, como é o caso da “Gótica Desanimada”.

Considerações Finais

A partir de uma análise de cunho exploratório da página “Gótica Desanimada”, buscamos mostrar como o humor e a autoironia re(a)presentam e atualizam – no sentido de presentificar o que era potência – a subcultura gótica para um público amplo. Por um lado, isso é feito reforçando determinados estereótipos de tal subcultura, como o apreço inexorável pela cor preta e a dificuldade de se relacionar com outros indivíduos. Por outro lado, tais elementos – humor e autoironia – ajudam ao mesmo tempo a desconstruir tais estereótipos, ao mostrar os atravessamentos com outras culturas e produtos midiáticos e ao revelar outras facetas do que seria a “identidade gótica” a partir do movimento de “rir de si mesmo”, aspecto talvez desconhecido pelo “grande público”, que acaba por exercer importante papel ao amenizar a questão do pânico moral vinculado comumente ao gótico.

Enfatizamos que se tratou de estudo exploratório no qual apontamos articulações entre representações identitárias coletivas através da música em suas manifestações subculturais na internet, tendo o humor como vetor para viralização e popularização desses valores. Assim, novos estudos são necessários para repensar tais jogos e disputas valorativas presentes nessas manifestações de gosto nos sites de redes sociais.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A. Cybersubculturas e cybercenos: explorações iniciais das práticas comunicacionais electro-goth na Internet. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, vol. 1, n. 33, 2007.

AMARAL, A. A estética cibergótica na Internet: música e sociabilidade na comunicação do MySpace. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 9, p. 75-87, 2007b. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/90/91>

AMARAL, A., SOUZA, R., MONTEIRO, C. “De Westeros no #vempraruá à shippagem do beijo gay na TV brasileira”. Ativismo de fãs: conceitos, resistências e práticas na cultura digital. **Revista**

Galáxia, São Paulo, Online, n.29, p.141-154, <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120250> , jun 2015. Disponível em: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/20250/16750>>

BADDELEY, G. **Goth Chic: um guia para a cultura dark**. Rocco: Rio de Janeiro, 2005.

BARBOSA, C. C. **Celebridades e apropriações humorísticas em blogs: uma análise do “Morri de Sunga Branca” e do “Te Dou Um Dado?”**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de doutorado. 2015. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115195>

BRILL, D. **Goth culture: gender, sexuality and style**. Oxford: Berg, 2008.

FREIRE FILHO, J. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FRITH, S. **Performing Rites: On the Value of Popular Music**, 1996.

GARLAND, J., HODKINSON, P. “F**king Freak! What the hell do you think you look like?” Experiences of Targeted Victimisation Among Goths and Developing Notions of Hate Crime’. Oxford University Press **The British Journal of Criminology**, 54 (4), pp. 613-631, 2014.. Disponível em: <http://bjc.oxfordjournals.org/content/54/4/613>

HESMONDHALGH, D. Subcultures, Scenes or Tribes? None of the Above. **Journal of Youth Studies**, v. 8, n. 1, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13676260500063652>

HODKINSON, P. 'Ageing in a Spectacular Youth Culture: Continuity, Change and Community in the Goth Scene'. 2nd Edition. Wiley-Blackwell. **British Journal of Sociology**, 62, pp. 262-282, 2011. Disponível em: <http://epubs.surrey.ac.uk/7700/>

HODKINSON, P. **Goth: Identity, Style and Subculture**. Oxford: Berg, 2002.

JENSEN, S. Repensando o capital subcultural. **Revista Eco-Pós**, v. 17, n. 3, 2014.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

POLIVANOV, B. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais** – Estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

PROPP, V. **Comicidade e Riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

STEELE, V.; PARK, J. **Gothic: dark glamour**. New Haven: Yale University Press, 2008.

THORNTON, S. **Club Cultures: Music, Media, and Subcultural Capital**. Hanover: University Press of New England, 1996.

ZUIN, L. Kunst ist Krieg. Música industrial e o discurso belicista. **Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo da Faculdade Casper Líbero**, São Paulo, 2011. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/74844617/Kunst-ist-Krieg-Musica-industrial-e-discurso-belicista>. Acesso em 05/03/2012.